

O BIBLIOTECÁRIO EM FACE DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS: DE GUARDIÃO A UM PROFISSIONAL DESINSTITUCIONALIZADO

Jorge Santa Anna¹

RESUMO: O artigo propõe reflexões acerca da evolução das competências, habilidades e atribuições do bibliotecário ao longo dos tempos, sobretudo no que se refere aos reflexos da sociedade contemporânea. A fim de atingir essa proposta, o estudo contextualiza a trajetória evolutiva das bibliotecas; apresenta as transformações oriundas com o uso das TICs; reflete as novas competências e habilidades do bibliotecário na atualidade; e, por fim, expõe os diferentes campos de atuação bibliotecária, enfatizando as práticas advindas com a prestação de serviços. Através de revisão de literatura em livros e artigos que enfoquem essa temática, bem como legislação que regulamenta o exercício profissional, concluiu-se que o bibliotecário contemporâneo deixa de ser um profissional que realiza unicamente processos técnicos e tradicionais na informação, para adquirir *status* de um Moderno Profissional da Informação, dotado de inúmeras competências que vão caracterizá-lo como um profissional diversificado e desinstitucionalizado. Com essa postura, desmistifica-se toda e qualquer especulação e previsão exagerada a respeito da extinção desse profissional em face dos desafios contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Bibliotecas. Prática bibliotecária. Moderno profissional da informação. Agente de informação. Desinstitucionalização da informação.

1 INTRODUÇÃO

As bibliotecas acompanham a trajetória humana desde épocas antigas. Mesmo passando por desafios e inúmeras mudanças, essas instituições sobrevivem graças à capacidade de adequação às constantes transformações ocorridas ao longo dos tempos. Seu poder de adaptação em face do uso de diferentes tecnologias proporciona sua inserção nos diferentes estágios da história das civilizações.

Embora as transformações nas bibliotecas não seja algo recente, é na sociedade contemporânea, caracterizada como Sociedade da Informação, cujas mudanças permeiam todas as organizações inseridas em um mercado instável, mutante e globalizado, que essas unidades de informação são redefinidas com o uso acentuado das novas tecnologias da informação e comunicação (TICs), sobretudo com o aparecimento da internet, em que produtos e serviços bibliotecários passam a ser disponibilizados em ambientes interativos.

O uso dessas tecnologias viabiliza a disseminação da informação e a produção de conhecimento, aumentando a capacidade das bibliotecas em armazenar, tratar e disponibilizar informação, redefinindo novos fluxos e canais de comunicação, fato esse que garante a democratização da informação, rompendo barreiras geográficas e temporais.

Analisando a trajetória evolutiva dessas unidades ao longo dos tempos, observa-se que elas proporcionaram diferentes contribuições à sociedade, refletindo diferentes estágios evolutivos: de centros de armazenamento e conservação da informação produzida na sociedade a centros de distribuição da informação; as bibliotecas na sociedade contemporânea tornam-se unidades encarregadas, dentre inúmeras funcionalidades, de viabilizar o acesso à informação registrada em diferentes suportes.

Ora, se as bibliotecas passam por constantes transformações, infere-se que os profissionais bibliotecários que as conduzem também são impactados com mudanças em seu perfil profissional, adquirindo novas competências, habilidades e atribuições, garantindo, dessa forma, sua adequação e conseqüente permanência no mercado de trabalho, garantindo que a informação seja gerenciada de forma

¹ Bibliotecário atuante na Consultoria Infomacional. Professor do Departamento de Biblioteconomia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). E-mail: jorjao20@yahoo.com.br.

a ser acessada e usada pelos públicos, de modo a satisfazer suas necessidades e contribuindo na geração de novos conhecimentos.

Ao gerenciar a informação em diferentes tecnologias e proporcionar múltiplas formas de acesso, o bibliotecário atua como mediador e transmissor de informação, com vistas a oferecê-la com qualidade e precisão, atendendo de forma efetiva, diferentes demandas.

Assim, entende-se que esses profissionais, devido à capacidade de transformação e adaptação que possuem, adequam-se a diferentes ambiências, ampliando seu campo de atuação ao exercer atividades variadas, seja no âmbito das bibliotecas convencionais quanto nas digitais, seja em centros de documentação, no gerenciamento da informação organizacional, podendo atuar também, na prestação de serviços informacionais, com uma postura autônoma e empreendedora.

Sendo assim, este estudo objetiva refletir a evolução das competências, habilidades e atribuições do bibliotecário ao longo dos tempos, sobretudo no que se refere aos reflexos da sociedade contemporânea. Para tanto, o estudo utiliza os seguintes objetivos específicos: contextualiza a trajetória evolutiva das bibliotecas; apresenta as transformações oriundas com o uso das TICs; reflete acerca das novas competências e habilidades do bibliotecário na atualidade; e, por fim, expõe os novos campos de atuação bibliotecária, enfatizando as novas práticas advindas com a prestação de serviços.

Metodologicamente, utilizou-se revisão de literatura, cujas fontes selecionadas para conduzir as reflexões foram livros que retratam a evolução das bibliotecas ao longo dos tempos, artigos científicos publicados em revista de Ciência da Informação, no qual destacam o desenvolvimento das atividades bibliotecárias junto à evolução tecnológica e documentos legislativos que regulamentam o exercício e as funções do profissional bibliotecário no Brasil, como a Lei 4.084/62 e a Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

2 TRAJETÓRIA EVOLUTIVA DAS BIBLIOTECAS: DE DEPÓSITO A CENTROS DE DISSEMINAÇÃO

A produção de conhecimento constitui uma das atividades mais marcante durante o desenvolvimento das civilizações humanas. O homem produz conhecimento desde o momento que se relaciona com o ambiente externo, na tentativa de modificá-lo, viabilizando formas mais facilitadas de vivência e convivência.

Nas sociedades orais, a transmissão de informações consolidava-se através da fala. A produção de conhecimento, genericamente, era viabilizada através dos encontros ou eventos presenciais, em que eram transmitidas as experiências, vivências, sucessos e fracassos alcançados pelos grupos sociais. Esse momento fortemente marcado pela oralidade constitui um dos primeiros estágios de produção e transmissão de conhecimento humano, denominado de oralidade primitiva (LEVY, 1993).

No entanto, a produção de conhecimento começa a crescer à medida que o homem criou formas de representação da informação que o cercava e conseguindo, através do registro, transmiti-la para gerações futuras. Essa capacidade ampliou as possibilidades de armazenamento e transmissão da informação entre diferentes povos, concretizado através dos canais de comunicação.

A transmissão de informação gera conhecimento à medida que modifica um contexto, uma realidade humana, eliminando problemas existentes, facilitando as relações entre humanos e natureza e, garantindo para o desenvolvimento da civilização. Através do registro, divulga-se o conhecimento para outrem, o que viabiliza a perpetuação das culturas criadas por diferentes grupos. McGarry (1999) afirma que se não houvesse registro e as pessoas instruídas de um grupo fossem eliminadas por uma catástrofe, a identidade do grupo estaria em grave perigo de desaparecimento.

A prática de registrar é típica dos povos pré-históricos, utilizando essas sociedades de signos primitivos, normalmente em forma de desenhos realizados nas cavernas a respeito dos grandes eventos por eles realizados. Essa capacidade em exteriorizar seus fazeres, extrapola as potencialidades do poder

da memória humana, sustentada unicamente pela mente, para tornar-se uma memória externalizada (memória exossomática), que significa, grosso modo, fora do corpo (MCGARRY, 1999).

Embora as diversas sociedades existentes foram se desenvolvendo com base no conhecimento que produziam, os povos ágrafos não tinham as mesmas condições apropriadas para viabilizar mudanças, como aconteceu a partir da criação da escrita. A escrita revolucionou as formas de representação e armazenamento da informação, antes condicionada apenas através da memória, o que permitia que muitas informações fossem perdidas com facilidade.

Os registros escritos permitem o “congelamento” da fala, tornando a informação registrada e podendo ser recuperada em momentos futuros. Os registros para serem formados precisam dos signos que, por sua vez, precisam de um suporte tecnológico a fim de materializar os códigos que representam as informações (MCGARRY, 1999).

Segundo esse autor, diversos suportes foram utilizados para armazenar informação, sendo eles, a fim de não serem perdidos, armazenados em espaços específicos, constituindo durante toda a Antiguidade, as tradicionais bibliotecas, locais destinados à pesquisa e à meditação, prática realizada de modo especial, na ampliação do conhecimento filosófico.

Esses acontecimentos representam a gênese das bibliotecas, embora possuindo características e contextos bem diferenciados da biblioteca que se desenvolveu em meio aos paradigmas instituídos pelas revoluções científicas e tecnológicas dos períodos históricos que se sucederam. Para Morigi e Souto (2005, p. 190),

Desde as primeiras bibliotecas, essa palavra tem sido empregada para designar um local onde se armazenam livros. Porém, nem sempre foram livros os materiais que preenchiam as bibliotecas. Historicamente, os suportes para a informação variaram de formato seguindo a tecnologia utilizada pelo homem. Já foram usados materiais como tabletas de argila, rolos de papiro e pergaminho e os enormes códices que eram enclausurados nos mosteiros medievais.

Em linhas gerais, as bibliotecas existentes na Antiguidade possuíam um fim único, voltado a assegurar a grande produção intelectual desse período. Assim, nessa época, o conhecimento produzido pelas ciências era armazenado nas bibliotecas de modo a ser conservado, tendo em vista ser recuperado em momento futuro, garantindo, dessa forma, para a preservação da memória coletiva dos povos antigos.

No entendimento de Milanesi (2002, p. 9), as coleções armazenadas nas bibliotecas da antiguidade visavam a “[...] buscar-o-que-foi-guardado e de guardar-o-que-foi-registrado (e de registrar-o-que-foi-imaginado) [...]”, atividades essas que objetivavam “[...] manter viva a memória da humanidade, forma essa em constante aperfeiçoamento”.

Para Martins (2001), as bibliotecas da Antiguidade diferenciavam-se entre si, não pela modalidade de usuários, uma vez que essa unidade não se preocupava com a disseminação da informação (preocupação maior era com a preservação/conservação do material produzido), mas pela divisão, conforme os tipos de suporte que acondicionavam as informações. Inicialmente, era mais comum encontrar bibliotecas minerais e, posteriormente, foram criadas bibliotecas vegetais e minerais.

Na Idade Média, as bibliotecas continuaram exercendo sua função voltada para a custódia da informação, constituindo um local para armazenamento/depósito do saber. No entanto, em virtude da hegemonia da Igreja em relação ao poder social, evidenciou-se uma sociedade teocêntrica, cuja atividade econômica mais intensa era a agricultura.

Assim, a produção de conhecimento desse período foi reduzida e as bibliotecas tornaram-se espaços limitados, direcionados aos monges, que zelavam pelas coleções produzidas pelos filósofos. Nota-se que, a atividades de leitura, de pesquisa e de produção de conhecimento era restrita a pessoas autorizadas pela igreja, tendo os monges o papel essencial na guarda e preservação das obras existentes no acervo. Nesse contexto,

O acesso a esses acervos guardados nos mosteiros limitava-se aos que pertenciam a ordens religiosas ou eram aceitos por elas. Ler e escrever eram habilidades quase exclusivas dos religiosos

e não se destinavam a leigos. Os monges contabilizavam o seu capital pelo tamanho e quantidade de suas bibliotecas [...] (MILANESI, 2002, p. 23).

Durante a Idade Média, as bibliotecas limitaram-se à estocagem dos acervos, destacando-se como atividades maiores dos monges copistas: o armazenamento, acondicionamento, preservação e conservação de livros (MARTINS, 2001).

No final da Idade Média, com o crescimento dos mosteiros voltados para a formação de religiosos, surgem as primeiras universidades, fato esse que desencadeia a necessidade de ampliar o acesso ao conhecimento armazenado nas bibliotecas. Aparecem, as primeiras bibliotecas universitárias, estando elas ligadas às ordens religiosas, porém questionava-se seu valor como propagadoras apenas da religiosidade. Não resta dúvida de que, essas bibliotecas “[...] são as que mais se aproximavam do conceito atual de biblioteca como espaço de acesso e disseminação democrática de informação” (MORIGI; SOUTO, 2005, p. 191).

No entanto, algumas revoluções do século XV serviram de base para romper as concepções disseminadas pela Igreja, nascendo, assim, um novo período histórico, a Idade Moderna, fortalecida com as ideias renascentistas, o estabelecimento do Estado laico e as conquistas advindas das Grandes Navegações.

Além desses acontecimentos, a invenção da imprensa por Gutenberg representa o nascimento de uma nova era, aumentando a distribuição de informação, por conseguinte, favorecendo a democratização da informação mundo afora, aumentando as possibilidades de acesso a um número ilimitado de registros impressos. Essa inovadora tecnologia desencadeou uma revolução nas comunicações, alargando consideravelmente a circulação da informação, o que provoca alterações nos modos de pensar e nas interações sociais (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007).

A partir da tecnologia da impressão e o fim da Idade Média, as bibliotecas deixam de ser administradas por religiosos, tornando-se, aos poucos, locais públicos, de fácil acesso, e o conhecimento, vai sendo propagado mundo afora (BURKE, 2003).

Nessa época, a biblioteca adquire uma nova concepção: em vez de somente armazenar, ela oferece a informação, favorecendo, com isso, seu crescimento acelerado nos séculos que se sucederam, tendo forte influência das grandes revoluções sociais ocorridas ao longo dos tempos modernos (BURKE, 2003).

Até essa reviravolta, os paradigmas na qual se apoiavam as instituições bibliotecárias consideravam a biblioteca como uma unidade de informação voltada para a custódia, caracterizada como um depósito de livros trancados e acorrentados. No entanto, as revoluções do período moderno rompem com essa tradição, tornando a biblioteca um espaço democrático, vislumbrando uma nova modalidade de biblioteca, a biblioteca pública, na qual está preocupada com a comunidade em que está inserida e para quem são destinados seus produtos e serviços de informação (MORIGI; SOUTO, 2005).

Vê-se que a tecnologia da impressão foi o estopim para condicionar as grandes transformações que deram origem ao desenvolvimento do Estado Moderno e a independência de muitas colônias, tornando as nações independentes em busca de crescimento social, econômico e tecnológico.

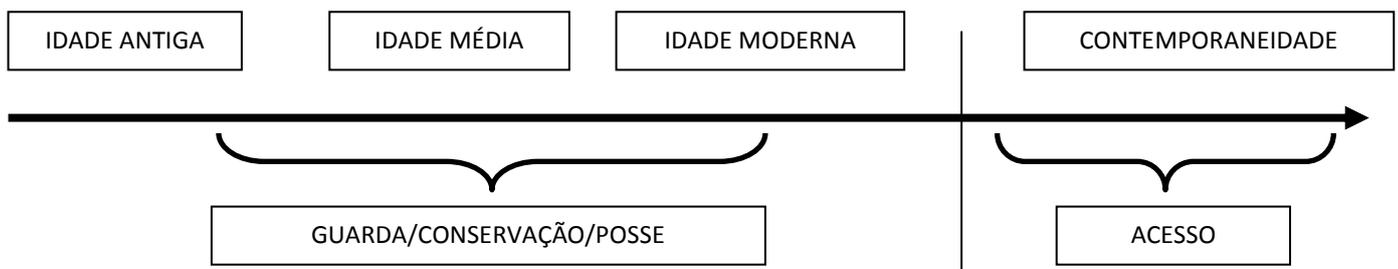
No âmbito das bibliotecas, após o surgimento do Estado laico, o conhecimento passa a ser dominado pelo Estado, sendo a biblioteca frequentada por indivíduos pertencentes às classes elitizadas, que de alguma forma, exerciam poder de dominação na sociedade (BURKE, 2003). É importante destacar também que, o acesso às bibliotecas era limitado a uma minoria pelo fato de haver altos índices de analfabetismo nessas sociedades (MC GARRY, 1999).

No século XVIII, a partir das ideias iluministas e com os princípios estabelecidos pela Revolução Francesa, sustentada nos lemas da liberdade, fraternidade e da igualdade, novos paradigmas passam a ambientar as bibliotecas. Além dos ideais franceses, o crescimento do número de publicações, sobretudo com o surgimento do periódico científico (MUELLER, 2000), desperta uma nova modalidade de biblioteca, permeada pelos processos de democratização e socialização do conhecimento, tornando-a uma instituição democrática, voltada para resolução dos problemas sociais (MARTINS, 2001).

A explosão bibliográfica representou o fator que mais repercutiu nas transformações em que passam as bibliotecas na contemporaneidade. Considerada por muitos como um fenômeno comum a todas as áreas do conhecimento e talvez a característica mais visível das literaturas científicas, ela pode ser definida como “[...] a quantidade crescente de documentos científicos produzidos e a rapidez com que esse número aumenta. Esse fenômeno não é novo, pois vem ocorrendo de maneira exponencial desde o estabelecimento da ciência moderna e da publicação dos primeiros periódicos, no fim do século XVII” (SOLA PRICE, 1963 *apud* MUELLER, 2000, p. 21).

Ora, durante os quatro grandes períodos da história das civilizações, percebe-se que a biblioteca esteve a serviço da informação, no entanto tratando-a de diferentes formas: nos três primeiros estágios, as práticas bibliotecárias eram voltadas com mais vigor para a guarda, conservação e preservação da informação registrada, tendo o fim de fornecer ao usuário, quando necessário, a posse do item informacional (SANTA ANNA, 2013a). Na Idade Contemporânea, essa preocupação ainda existe, todavia, as bibliotecas preocupam-se em viabilizar o acesso à informação registrada (Figura 1).

Figura 1 – a informação e as bibliotecas ao longo dos tempos



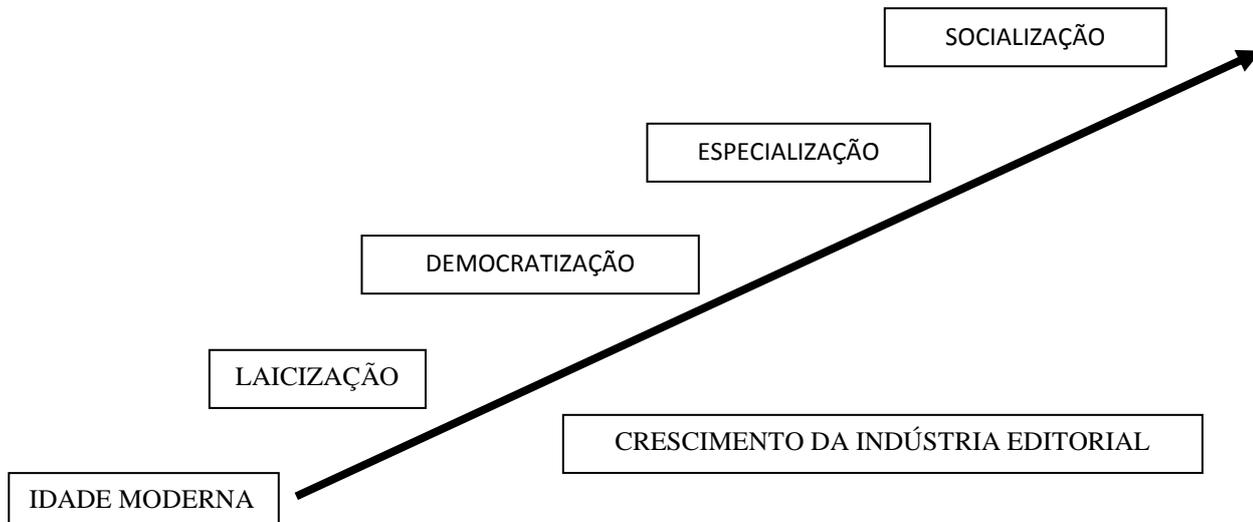
Fonte: o autor, com base em Martins (2001), Milanesi (2002) e Santa Anna (2013a).

Analisando o trajeto histórico das bibliotecas após o surgimento da imprensa, entende-se que essas instituições entraram em um processo de aperfeiçoamento tecnológico, fato esse que contribuiu no despertar da explosão bibliográfica.

O desenvolvimento tecnológico e os novos paradigmas instituídos pela sociedade contemporânea favorecem a concepção de ideias inéditas a respeito da disseminação da informação e seu uso pela sociedade, em face das novas necessidades impostas pelo espaço social, pautado na informação como insumo básico no desenvolvimento pessoal, cultural e econômico de uma nação. Nesse contexto, a biblioteca também é influenciada por essas novas ambiências, redefinindo suas políticas, seus objetivos, seus métodos, técnicas e procedimentos de trabalho (MORIGI; PAVAN, 2003).

Martins (2001) traça uma linha imaginária dos quatro estágios evolutivos das bibliotecas, com o aparecimento da indústria editorial: laicização, democratização, especialização e socialização. A laicização diz respeito ao primeiro momento em que as bibliotecas deixaram de ser gerenciadas pela Igreja e passaram a ser dominadas pelo poder burguês. A democratização compreende o período permeado pela Revolução Francesa, motivada por um sistema social democrático. A especialização decorre da necessidade de oferecer informação a públicos leitores com necessidades diferenciadas (Figura 2).

Figura 2 – Os estágios evolutivos da biblioteca após a invenção da imprensa



Fonte: o autor, com base em Martins (2001).

Desenvolvidos de formas simultâneas, os estágios relacionavam-se entre si; os três primeiros convergiram para um estágio de maior abrangência, a socialização, em que a biblioteca “[...] não apenas abriu largamente as portas, mas ainda saiu à procura de leitores [...]”; as bibliotecas saem do isolamento e inserem-se na integração desejando “[...] satisfazer as necessidades do grupo, assumindo-se a postura de um organismo carregado, dinâmico, multiforme da coletividade” (MARTINS, 2001, p. 325).

Comparando esses fatos com os dias atuais, percebem-se semelhanças no que diz respeito ao grande volume de informação que é disponibilizada hoje, principalmente nos meios eletrônicos. Nesse novo contexto da Sociedade da Informação, tornou-se necessário desenvolver estratégias e profissionais competentes capazes de selecionar, organizar e recuperar informações pertinentes aos leitores, sejam eles virtuais ou não (RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007).

No estágio da socialização, os usuários buscam a biblioteca a fim de adquirirem conhecimento a respeito do uso dos novos canais de comunicação que são instituídos pela evolução tecnológica. Adentrando-se a essa nova realidade em que as informações passaram a ser disseminadas em outros suportes que não apenas o livro, especialmente com a disponibilização da informação na internet, as bibliotecas devem sair, “[...] da postura de armazenadoras de informações para assumir uma postura centrada no processo de comunicação, o que significa abandonar a filosofia de posse e investir na filosofia de acesso [...]” (CARVALHO; KANISKI, 2000, p. 37).

Segundo essas autoras, essa nova postura da biblioteca em viabilizar o acesso envolve um processo de interação entre diferentes indivíduos, de modo a favorecer o compartilhamento de recursos informacionais, o trabalho em rede, minimizando pontos deficitários e eliminando barreiras. Santa Anna (2013a) sinaliza que, o processo de socialização nas bibliotecas representa um momento de comunhão e ao mesmo tempo de transformação, redefinindo os propósitos da unidade ao migrar-se da posse informacional ao acesso.

Vislumbra-se, a partir desse discurso, que o papel da internet, o qual imprimiu um novo espaço de trabalho: o ambiente virtual desencadeia o aparecimento de um nova modalidade de biblioteca, a biblioteca virtual, oferecendo acesso aos mais diferenciados tipos de informação, socializadas a partir da conexão entre redes eletrônicas (SANTA ANNA, 2013a).

À medida que as bibliotecas evoluem-se, os profissionais bibliotecários que as conduzem também sofrem diversas transformações, adentrando-se a novos perfis que requerem competências e habilidades contínuas, com vistas a adaptarem-se a essas transformações, aprimorando suas capacidades de gerenciamento em fase dos novos desafios instituídos no bojo dessas unidades de informação.

Segundo Martins (2001), na contemporaneidade, a biblioteca é fruto das condições sociais e ideológicas iniciadas na Renascença, proporcionando a partir dessa época, a figura de um profissional especializado e capacitado para gerenciá-la. Até meados do século XIX as bibliotecas empregavam eruditos e escritores para essa função, pois a profissão de bibliotecário ainda não era reconhecida, embora as práticas tradicionais biblioteconômicas sempre estiveram presentes no contexto dessas instituições.

Com a democratização da informação, novos paradigmas são instituídos nas bibliotecas, viabilizando o surgimento do processo de especialização e socialização. A partir desses últimos estágios evolutivos, as atenções passam a ser voltadas para as necessidades do público, fator determinante na melhoria da qualidade dos produtos e serviços oferecidos. A biblioteca torna-se um organismo vivo e dinâmico, a serviço de públicos diversificados e conduzida por novas formas de gestão, deixando de atender-se apenas ao acervo para direcionar seus propósitos ao usuário, a fim de conhecer melhor suas demandas (FIGUEIREDO, 1994).

3 OS REFLEXOS DAS NOVAS TECNOLOGIAS NAS BIBLIOTECAS E NOS BIBLIOTECÁRIOS CONTEMPORÂNEOS

A evolução das bibliotecas ao longo dos diferentes períodos históricos constituintes da sociedade humana esteve caracterizada pela utilização de diferentes tecnologias que contribuíram, e contribuem, para a criação da informação registrada a compor os diferentes estoques de informação.

Nota-se que as mudanças ocasionadas a essas unidades de informação dizem respeito à utilização de diferentes aparatos tecnológicos, que além de armazenarem a informação, tornando-a registrada, também contribuem com a oferta de diferentes serviços bibliotecários, como exemplo, os catálogos *online*, os serviços de alertas, as estratégias de busca, etc, serviços esses que favorecem os processos de armazenamento, busca, recuperação e disseminação da informação em ambiente digital.

No entanto, essas mudanças não afetam diretamente os propósitos bibliotecários, que continuam, independente do tipo de tecnologia empregada, os mesmos: disseminar informação a diferentes públicos e variadas instâncias, viabilizando a construção de conhecimento.

Segundo Santa Anna (2013a), desde o aparecimento dos primeiros registros do conhecimento, tendo os tabletes de argila e os rolos de papiro e pergaminho, a sua máxima representação, até as páginas eletrônicas da internet, a biblioteca fidelizou-se à sua principal finalidade: organizar, preservar, tratar e disseminar informação, adequando-se a usuários, ambientes e contextos diferenciados.

Na contemporaneidade, a biblioteca está sustentada no paradigma da socialização, devendo adentrar-se à sociedade em redes, utilizando diversos canais comunicativos, com vistas a tornar-se interativa com outras instituições, facilitando a transmissão de informação, de forma contínua e instantânea, rompendo-se barreiras geográficas (MADUREIRA; VILARINHO, 2010).

O uso de tecnologias sofisticadas representa uma alternativa viável e efetiva, e ao mesmo tempo necessária no gerenciamento da informação produzida na sociedade. Sem o aperfeiçoamento e utilização desses recursos, seria impossível gerenciar todo o conhecimento produzido no mundo, de modo a torná-lo recuperável. O aumento da produção de conhecimento não é algo recente, mas constitui o resultado de um longo percurso, conforme refletido por McGarry (1999, p. 90):

Se voltarmos o olhar para a história da informação registrada, a partir de nossa posição vantajosa do “aqui e agora” [...], veremos uma torrente de acontecimentos que começou placidamente com a invenção da escrita, vagueou até a impressão da impressa, e aí começou a tomar o aspecto de um rio cauteloso. A capacidade de gravar e transmitir informações orais, visuais e auditivas aumentou ainda mais a vazão desse rio até se tornar elegante dizer que estamos sendo “inundados” por uma torrente de dados e informações (MCGARRY, 1999, p. 90).

Não resta dúvida de que, na atual conjuntura, a biblioteca vem se constituindo como um espaço destinado a fornecer o acesso a todo tipo de fonte de informação a qualquer usuário, desprendendo-se as

limitações de tempo e espaço. Esse processo de interação da biblioteca com seus públicos, sem medir as fronteiras geográficas somente é conseguido com o apoio das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), ocasionando um processo acentuado de “desterritorialização” (SANTA ANNA, 2013b).

Nesse sentido, as tecnologias da informação representam a possibilidade mais concreta para expandir a cooperação interinstitucional e com isso ampliar e diversificar os pontos de acesso à informação. Entretanto, para assumir a posição de provedora de acesso à informação, as bibliotecas precisam rever seus processos, repensando a dimensão dos serviços e produtos desenvolvidos, pois o usuário de hoje diferencia-se daquele que “apertava parafusos” na era industrial (CARVALHO; KANISKI, 2000, p. 37).

Diante da explosão informacional e com o avanço das novas tecnologias, Cunha (2010) considera que a revolução da biblioteca, nesse contexto, é permeada por quatro períodos marcantes que são: era tradicional moderna, era automatizada, era eletrônica e, por fim, a era virtual. A esse respeito, Santa Anna (2013b) defende que as metamorfoses sofridas pelas bibliotecas ao longo das eras apontam para uma mudança crucial nas bibliotecas do terceiro milênio, pois com o advento da sociedade da informação, essas organizações adotaram um novo espaço (ciberespaço) e uma nova interface que amplia a capacidade comunicativa e interativa com os usuários mundo afora, flexibilizando a atuação do usuário em relação aos serviços e produtos por elas oferecidos.

O uso do ciberespaço proporciona a ampliação da oferta de serviços e produtos de informação, favorecendo novas formas de acesso e uso da informação registrada no ambiente virtual. Surge assim, as potencialidades das bibliotecas digitais, estando elas relacionadas com o acesso por meio de redes a recursos informacionais disponíveis em sistema de base computadorizada, de modo a despertar “[...] oportunidade de melhoria da qualidade dos produtos e dos serviços da biblioteca que devem visar à eficiência, à qualidade, ao serviço orientado ao usuário e ao retorno de investimento, mesmo que de forma indireta, otimizando a prestação de serviços [...]” (REZENDE, 2000, p. 52).

Ora, se a internet viabiliza a formação de novos produtos e serviços a serem prestados pelas bibliotecas, infere-se que o profissional que a gerencia deverá acompanhar essas mudanças advindas com o uso do ambiente digital, reconstituindo novas formas, técnicas e métodos biblioteconômicos, com vistas a garantir uma efetiva gestão dos produtos e serviços disponibilizados no ambiente digital.

Vê-se que, a internet traz inúmeros benefícios, configurando-se como “[...] rede de maior importância para as bibliotecas, funcionando como um canal na localização e recuperação da informação, auxiliando o bibliotecário a se tornar um provedor de informação [...]” (MARCIROI, 1997, p. 2).

Segundo Alvarenga (2006, p. 97), os fazeres bibliotecários tende a se evoluir para um novo estágio em que as práticas tradicionais de tratamento, de gestão e de disseminação sejam aplicadas ao novo ambiente de trabalho. Cabe ao bibliotecário que atua nessas ambiências adaptar-se a situações complexas devido às constantes inovações e desafios impostos pela internet. Assim, é preciso enfatizar que, com o ambiente digital, “[...] Mudam-se os meios, sofisticam-se os instrumentos e surgem nomes novos para designar coisas novas e velhas. Entretanto, a essência das coisas permanece”.

Segundo Ribeiro, Chagas e Pinto (2007), essas mudanças permitiram o reconhecimento da necessidade de um profissional com formação especializada que pudesse tratar tecnicamente os materiais existentes na biblioteca. Desse modo, devido à permanência da especialização e da socialização no âmbito das bibliotecas contemporâneas, o bibliotecário para acompanhar seus usuários, tende a se aperfeiçoar constantemente e se ambientar com as várias possibilidades de recursos na sua área, (MARTINS, 2001 *apud* RIBEIRO; CHAGAS; PINTO, 2007), valorizando, assim, ações que garantam sua formação continuada, de modo a atender as constantes mudanças e exigências, tanto da sociedade, quanto dos usuários da informação.

O aparecimento das bibliotecas digitais juntamente com a disponibilização da informação na internet representa a configuração de um novo paradigma para os profissionais da informação (BAPTISTA, 2004). Esse fato desencadeia uma nova realidade, oferecendo novas oportunidades e

facilidades aos consumidores da informação, libertando-os “[...] de sua dependência de intermediários, eliminando barreiras e proporcionando oportunidades para o acesso direto aos produtos de informação em qualquer hora ou local e de forma independente [...]” (SILVA; LOPES, 2011, p. 1).

Nota-se que a informação no espaço digital requer gerenciamento, fato esse que demonstra a contribuição das práticas bibliotecárias nesse novo espaço interativo. Ademais,

[...] Uma série de catálogos de bibliotecas já estão acessíveis em toda a rede, para que qualquer um, de qualquer lugar do mundo, possa pesquisar em recursos bibliográficos os mais variados. Entretanto, algumas bases de dados e produtos comercializáveis pela rede irão exigir acordos e licenças para que a biblioteca possa acessá-los e disponibilizá-los (SHAW, 1994 *apud* MARCHIORI, 1997, p. 2).

O uso acentuado das TICs no gerenciamento da informação torna-se um fator de grandes mudanças, refletindo na formação de novas organizações, novos consumidores, logo, também evidencia a definição de novos profissionais que lidam com a informação. Muitos se arriscam a afirmar, de forma equivocada, que os profissionais e serviços de informação tendem a extinguir-se em um futuro próximo.

No entanto, essas mudanças são desafios a serem superados, e, ao contrário, em vez de representarem ameaças, consolidam-se como novidades que sustentam a formação de novas e promissoras oportunidades.

Valentim (2002) considera que o “[...] tripé informação, tecnologias da informação e telecomunicações muda a sociedade, e, conseqüentemente, muda suas demandas [...]”. Todavia, os profissionais inseridos no mercado da informação devem atuar nesse contexto com uma postura investigativa e crítica, “[...] de modo que possam assumir essas mudanças sociais de forma natural [...]” (VALENTIM, 2002, p. 125).

Conforme estudo proclamado por Borges (2004, p. 56), o “[...] avanço tecnológico alterou a noção de espaço e de tempo [...]”, ocasionando ao mercado consumidor a oferta de serviços e produtos cada dia mais sofisticados, provocando o aparecimento de alguns e o desaparecimento de outros. Assim, “[...] A tecnologia tornou-se, ao mesmo tempo, ‘oportunidade’ e ‘risco’” (BORGES, 2004, p. 56).

Nesse contexto, observa-se que a tecnologia, ao mesmo tempo em que desemprega, ela oferece outras formas de trabalho, visando atender às novas necessidades geradas. Para Baptista (2004), as tecnologias juntamente com as pressões advindas da globalização aumentam o desemprego, porém, ampliam as oportunidades de trabalho em níveis mundiais.

Entende-se que essas mudanças oriundas com a expansão da tecnologia viabilizam novas oportunidades, permitindo aos profissionais explorarem melhor suas potencialidades, sendo necessário para isso, inovar e instruir-se continuamente. No campo da Biblioteconomia, essa tendência tende a aflorar-se no decorrer do século XXI. Isso porque, as oportunidades de atuação profissional ampliam-se a cada dia, podendo o profissional atuar em novos ambientes, com novas funcionalidades, tornando-se um profissional requisitado, autônomo, criativo e adaptativo, graças à desinstitucionalização da informação.

4 UM PROFISSIONAL EM EVOLUÇÃO: NOVAS COMPETÊNCIAS, HABILIDADES E ATRIBUIÇÕES DOS BIBLIOTECÁRIOS

Conforme analisado anteriormente, o profissional bibliotecário teve seu reconhecimento na sociedade mundial a partir do século XIX, em virtude das transformações que as bibliotecas atravessavam, sobretudo com o uso de novos artefatos tecnológicos, assim como, devido à explosão da informação e com a necessidade de atender as exigências do público, com vista a oferecer serviços e produtos de qualidade.

No entanto, a prática bibliotecária data dos primórdios, devido à necessidade de organização e preservação dos registros do conhecimento gerados pela sociedade. Para Ortega (2004), essa prática apresenta uma longa história de atividades de organização e conservação de documentos, desde o início

da escrita até a época moderna, no século XV, quando recebeu novos insumos em função da invenção da imprensa e do Renascimento científico e cultural.

A partir das revoluções científicas do século XVIII, os séculos seguintes foram permeados por constantes mudanças no que se refere aos direitos e deveres do cidadão e a liberdade de acesso a esses direitos, garantindo para a consolidação da cidadania (FIGUEIREDO, 1994). Assim, a profissão de bibliotecária torna-se cada vez mais necessária, tendo em vista, um profissional capacitado a exercer atividades de organização, por conseguinte, ao auxílio na localização e disponibilização da informação registrada a todos os cidadãos.

Em âmbito brasileiro, as primeiras bibliotecas foram criadas sob comando dos jesuítas, e apenas no século XX que a profissão foi legalmente reconhecida. Antes disso, no início do referido século, segundo Castro (2000), o ensino de Biblioteconomia foi instituído, sendo oferecido pela Biblioteca Nacional (tendo influência da escola humanista francesa École de Chartes) e pelo Colégio Mackenzie em São Paulo (sob influência tecnicista da escola americana Columbia University).

É apenas no ano de 1962, através da Lei 4.084/62, que foi instituída a profissão bibliotecária. Segundo esse Diploma, constituem principais atribuições desse profissional atuar na organização, direção e execução dos serviços técnicos de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas particulares concernentes às seguintes matérias e atividades: o ensino de Biblioteconomia; a fiscalização de estabelecimentos de ensino de Biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação; a administração e direção de bibliotecas; a organização e direção dos serviços de documentação; e, a execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência (BRASIL, 1962).

No artigo sétimo da referida lei também está descrito que os Bacharéis em Biblioteconomia terão preferência, quanto à parte relacionada à sua especialidade nos serviços concernentes a: padronização dos serviços técnicos de biblioteconomia; inspeção, sob o ponto de vista de incentivar e orientar os trabalhos de recenseamento, estatística e cadastro das bibliotecas; publicidade sobre material bibliográfico e atividades da biblioteca; planejamento de difusão cultural, na parte que se refere a serviços de bibliotecas; organização de congresso, seminários, concursos e exposições nacionais ou estrangeiras, relativas a Biblioteconomia e Documentação ou representação oficial em tais certames (BRASIL, 1962).

Essa lei estabelece as principais atividades a serem desempenhadas por um profissional que possua o Diploma de Biblioteconomia em escola devidamente reconhecida. Também são descritos nessa lei, as obrigações dos conselhos de classe em defender os interesses da profissão e das escolas em formar profissionais comprometidos em oferecer serviços úteis à sociedade.

Vê-se que, nessa época, década de 1960, a explosão bibliográfica estava consolidando-se, no entanto a revolução tecnológica era vista como um acontecimento do futuro. As atribuições dos bibliotecários naquele contexto estavam voltadas exclusivamente para a atuação em bibliotecas, atuando, sobremaneira, na organização dos acervos bibliográficos impressos e nas atividades de gestão das bibliotecas no atendimento aos usuários e às demandas informacionais.

Com a incorporação do bibliotecário na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), notadamente com sua inserção na categoria de profissional da informação, novas atribuições lhe são conferidas. Assim, os profissionais da informação

[...] Trabalham em bibliotecas e centros de documentação e informação na administração pública e nas mais variadas atividades do comércio, indústria e serviços, com predominância nas áreas de educação e pesquisa. Trabalham como assalariados, com carteira assinada ou como **autônomos**, de forma individual ou em equipe por projetos, com supervisão ocasional, em ambientes fechados e com rodízio de turnos. Podem executar suas funções tanto de forma presencial como **a distância** (CBO, 2002 apud FIGUEIREDO; SOUZA, 2007, p. 13, grifo nosso).

Segundo os autores supra, esses profissionais eventualmente, trabalham em posições desconfortáveis durante longos períodos e sob pressão, levando à situação de estresse. As condições de trabalho são heterogêneas, variando desde locais com pequeno acervo e sem recursos informacionais a locais que trabalham com tecnologia de ponta.

Conforme exploram Figueiredo e Souza (2007), com base na CBO (2002), constata-se novas considerações do trabalho bibliotecário em face dos novos desafios impostos pela sociedade contemporânea, sobretudo, com a chegada das TICs e a disponibilização dos serviços e produtos biblioteconômicos no ambiente digital.

O referido documento trabalhista garante que o bibliotecário pode atuar em unidades de informação com vínculo empregatício, como pode atuar de forma autônoma, na prestação de serviços. Também se alude sua participação em outros ambientes que não sejam as bibliotecas presenciais, podendo ele atuar na oferta de produtos e serviços por meio do ambiente digital (BRASIL, CBO, 2002).

No entanto, mesmo estando respaldado por esses documentos legais, infere-se que, as problemáticas surgidas com o uso acentuado das novas tecnologias, requerem um profissional detentor de novas competências e habilidades, a fim de expandir suas práticas para outras instâncias, conforme demandado pela sociedade.

Na visão de Madureira e Vilarinho (2010, p. 103) vive-se na atualidade "[...] um processo evolutivo das bibliotecas e da informação registrada e o bibliotecário precisa se preparar para assumir sua identidade de 'cibertecário'. Nesse sentido, ele é um desbravador, um pioneiro e o que produzir será a base de uma nova visão de biblioteca e informação".

Nesse enfoque, atentando-se ao quinto postulado de Ranganathan (2009), Santa Anna (2013a) disserta que as bibliotecas são organismos em crescimento e o bibliotecário também deve acompanhar essa (r)evolução, adentrando-se às novas concepções paradigmáticas, a fim de garantir sua importante função, qual seja, mediar a todos, informação de qualidade, independente dos recursos, dos métodos e demais instrumentos empregados.

4.1 O MODERNO PROFISSIONAL DA INFORMAÇÃO

A sociedade contemporânea trouxe mudanças para todas as áreas do conhecimento, despertando a necessidade dos profissionais reverem suas práticas e adequá-las às novas necessidades demandadas por instituições e por usuários. Diante da gama de desafios impostos, faz-se necessário a adequação profissional ao trinômio: tecnologias, inovação e aprimoramento (SANTA ANNA; PEREIRA; CAMPOS, 2014).

Um das alternativas encontradas pelas ciências, tendo em vista viabilizar ações para resolverem questões problemáticas do mundo atual, é a utilização da interdisciplinaridade. Ter conhecimento amplo de vários campos do saber é uma atividade requerida principalmente no universo da Biblioteconomia, devendo os bibliotecários ampliarem suas competências, "[...] possuir um conhecimento íntimo dos territórios intelectuais das disciplinas e dos atalhos entre eles [...]" (MCGARRY, 1999, p. 170).

As novidades que permeiam o contexto social e que são refletidas nos fazeres bibliotecários vêm sendo uma das maiores preocupações tanto de profissionais, órgãos de classe, academia quanto de pesquisadores da área. As interferências acometidas pelas inovações tecnológicas aos serviços biblioteconômicos instigam os profissionais da área a (re)definirem seus métodos e processos de trabalho, com vistas à adequação das demandas, bem como à adaptabilidade da prática profissional.

Segundo Santa Anna, Pereira e Campos (2014), instigados com essas preocupações, vários estudos foram realizados no sentido de conferir as novas competências e habilidades direcionadas aos bibliotecários. O ponto inicial dessas discussões é evidenciado a partir dos estudos financiados pela extinta Federação Internacional de Bibliotecários (FID), no ano de 1992, sendo aperfeiçoado, logo em seguida, com as pesquisas de Ponjuan Dante (2000).

Em linhas gerais, esses estudos dizem respeito ao novo perfil que o profissional bibliotecário deve adquirir em face dos acontecimentos advindos da Sociedade da Informação. Os bibliotecários, diferente das competências que lhe foram conferidas desde o início da oficialização da profissão, devem adquirir as características de um profissional inovador, denominado de Moderno Profissional da Informação (MIP).

As competências do MIP não podem ser analisadas sobre uma ótica excludente das características que durante muito tempo representou a base da profissão de bibliotecário. Silveira (2008, p. 88) discute que “[...] construir um novo perfil de atuação para os bibliotecários e inseri-los no rol das atividades que impulsionam o moderno mercado da informação exigiu repensar os atributos que por longa data definiram o saber biblioteconômico”. A formulação dessas competências deve levar em consideração, os desafios contemporâneos, as novas demandas surgidas no meio social e as práticas tradicionais da profissão.

Os fazeres biblioteconômicos na forma como foram concebidos com a regulamentação da profissão no Brasil, em meados do século XX, estavam voltados para atividades técnicas junto aos itens informacionais, constituídos, em grande parte, por livros. Assim, o bibliotecário deveria “[...] possuir uma formação voltada para a preservação da cultura humana; para o apoio à educação como suporte ao processo de ensino-aprendizagem; para o estudo; à pesquisa e para o planejamento e administração dos recursos informacionais [...]” (SILVEIRA, 2008, p. 89).

Na atualidade, esses fazeres são regidos por novas competências, tendo como fundamentação teórico-prática “[...] ampliar o escopo de conhecimentos necessários à concretude de seu fazer profissional, tendo-se em vista priorizar premissas como: planejamento, gerência e processamento de sistemas de informação, além da concepção e uso das recentes tecnologias da informação e da comunicação – TICs” (SILVEIRA, 2008, p. 89).

A chegada do terceiro milênio foi marcada com o estabelecimento de quatro competências e inúmeras habilidades, elaboradas no IV Encontro de Diretores das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação do Mercosul, realizado no ano de 2000, em Montevideu. Como produto desse evento, foram formalizadas as seguintes competências: competências de comunicação, técnico-científica, gerenciais, sociais e políticas (VALENTIM, 2000).

As competências de Comunicação e Expressão dizem respeito às atividades de capacitar e orientar os usuários para um melhor uso dos recursos informacionais disponíveis em uma unidade de informação. Também referem-se à elaboração de produtos de informação (bibliografias, catálogos, guias, índices, disseminação seletiva da informação, etc.), e, planejamento e execução de estudos de usuários dos sistemas de informação (SILVEIRA, 2008).

As competências Técnico-Científicas envolvem o desenvolvimento e execução do processamento de documentos em distintos suportes, unidades e serviços de informação. Também abarca as atividades de selecionar, registrar, armazenar, recuperar e difundir a informação gravada em qualquer meio para os usuários de unidades, serviços e sistemas de informação; por fim, também contemplam o ato de planejar, constituir e manipular redes globais de informação (SILVEIRA, 2008).

Quanto às competências gerenciais, Valentim (2000, p. 20) destaca-as como aquelas voltadas para a gestão, abrangendo, holisticamente, as ações de “[...] Formular, dirigir, administrar, organizar e coordenar unidades, sistemas, projetos e serviços de informação [...]”. Ponjuan Dante (2000) sintetiza essas competências como os pilares para uma atuação efetiva, de modo que o profissional tenha espírito de gestão e liderança, construindo mecanismos que viabilizem a criação, a comunicação e a consolidação da informação entre todos os atores da unidade informacional.

As competências sociais e políticas afloram para o papel social do bibliotecário, devendo expandir seu fazer além das paredes da unidade. Para Valentim (2000 *apud* SANTA ANNA; PEREIRA; CAMPOS, 2014, p. 80), nesse quesito, caberá ao profissional fomentar uma atitude “[...] aberta e interativa com os diversos atores sociais (políticos, empresários, educadores, trabalhadores e profissionais de outras áreas, instituições e cidadãos em geral) que configuram o atual ciclo informacional [...]”.

Quanto às habilidades delegadas a esses profissionais, é importante destacar que não há limites, podendo o profissional investir em sua formação continuada, tendo em vista consolidar a melhoria

contínua de seus fazeres. Valentim (2000) descreve as principais habilidades propostas no encontro IV Encontro de Diretores das Escolas de Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Dentre essas habilidades, destacam-se: utilizar as metalinguagens pertinentes à preservação, organização e disseminação da informação; demarcar campos específicos e integrar conteúdos de áreas correlatas em uma perspectiva multidisciplinar; processar documentos, quaisquer que sejam os suportes, linguagens e formatos de acordo com as teorias, paradigmas, métodos e técnicas da área; desenvolver ações pedagógicas voltadas para melhoria do desempenho profissional e para ampliação do conhecimento em geral; responder às demandas sociais determinadas pelas transformações que caracterizam o mundo contemporâneo, dentre outras.

A demonstração acerca da evolução da biblioteca e do bibliotecário em fase dos desafios impostos pela atual sociedade, sobretudo com o desenvolvimento e uso das novas tecnologias nos serviços de informação, e diante das novas competências e habilidades a serem adquiridas pelos bibliotecários, mostram que eles adquirem um perfil diversificado.

Com esse perfil interdisciplinar e inovador ele pode, também, atuar em inúmeros e diferenciados ambientes, podendo atuar na prestação de serviços de informação, de forma autônoma, tornando-se um profissional independente e com espírito empreendedor.

4.2 A QUESTÃO DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO DO BIBLIOTECÁRIO

Institucionalizar significa estar ligado a uma instituição, adentrando-se a valores, políticas e objetivos conjuntamente construídos e seguidos. Desinstitucionalizar significa, grosso modo, deixar de ser institucionalizado (FERREIRA, 1999). No âmbito das profissões, o profissional desinstitucionalizado é aquele que não possui vínculos empregatícios com as organizações, prestando serviços de forma autônoma/independente.

A desinstitucionalização na Biblioteconomia não é uma discussão recente, pois foi proposta por Lancaster (1983), desde as últimas décadas do século XX. Segundo ele, o bibliotecário que exerce atividades fora das bibliotecas ou de organizações, sobretudo no ramo da prestação de serviços a diferentes empresas, caracteriza-se como um agente de informação, considerado como um bibliotecário *free-lance*.

Durante muitos anos, Lancaster atuou em bibliotecas públicas inglesas e em organizações privadas norte-americanas, atuando na organização da informação junto a sistema de recuperação da informação tanto manuais quanto automatizados, o que lhe proporcionou grande conhecimento acerca do futuro das atividades bibliotecárias com o crescimento da internet.

Embora a internet ainda não estivesse sendo utilizada por bibliotecas na disponibilização de serviços e produtos de informação, Lancaster já previa os reflexos que as novas tecnologias proporcionariam às bibliotecas físicas e aos profissionais que lidam com a informação nesses espaços. No entanto, Lancaster considerava a evolução tecnológica, no âmbito das bibliotecas, como a “mola propulsora” que ampliaria os fazeres biblioteconômicos, extrapolando-os para ambientes aquém da instituição biblioteca.

Na contemporaneidade, essa profecia confirma-se a cada dia. A informatização da informação somente representa ameaça para aqueles profissionais que não são inovadores e que não buscam a instrução a ponto de não conseguirem adequarem-se ao novo contexto. Assim, as novas tecnologias viabilizam oportunidades de maior reconhecimento da Biblioteconomia e sua importância para a sociedade (LANCASTER, 1994).

Essa ampliação representaria a ascensão do profissional da área que, deixaria de atuar de forma camuflada apenas em instituições de informação, como as bibliotecas e centros de documentação, para atuar em outras ambiências, desenvolvendo serviços de informação dos mais variados. Com base na obra de Lancaster (1983), Baptista (2000) afirma que a desinstitucionalização corresponde à aplicação de habilidades profissionais bibliotecárias em ambientes que ultrapassam os muros das bibliotecas.

Conforme pesquisa de Costa e Moraes (1992), o processo de desinstitucionalização na Biblioteconomia - que vem de encontro com a dependência da profissão à biblioteca e contribui para o desenclausuramento do profissional, à busca do público potencial que deve servir - não é novo. Lancaster observa que, no passado, alguns profissionais já exerciam suas funções fora do âmbito da biblioteca. Ele cita como exemplo os bibliógrafos de assuntos filiados à biblioteca da universidade alemã que, no início do século, trabalhavam diretamente nos departamentos correspondentes à sua própria área de especialidade.

Vislumbra-se a partir das discussões em torno da desinstitucionalização na Biblioteconomia, que os campos de atuação dos bibliotecários tendem a aumentar à medida que o profissional reconhece seu potencial em prestar serviços de forma individual ou de forma coletiva, utilizando suas competências no gerenciamento da informação, assim como em sanar outras necessidades sociais. Nesse contexto, surgem diferentes nomes direcionados ao bibliotecário, tais como: agente da informação (PAIVA, 1990), profissional da informação (MUELLER, 1996), consultor informacional/profissionais independentes (BAPTISTA, 2000). Independente da nomenclatura que recebam, o importante é considerar a ampliação dos campos de atuação do bibliotecário contemporâneo.

Assim, o bibliotecário, de qualquer forma, amplia os horizontes da profissão, podendo atuar no gerenciamento da informação, semelhantemente às atividades profissionais realizadas em bibliotecas físicas, podendo atuar também em outros setores da sociedade, como o setor cultural, garantindo efetivação de seu papel social, na construção de uma sociedade mais cidadã.

Portanto, conforme descrito por Santa Anna, Gregório e Gerlin (2014), de que as bibliotecas na atualidade revestem-se de atividades diversificadas, fomentando ações educacionais, culturais e sociais, infere-se que o bibliotecário pode atuar no mercado, também, de forma autônoma em prol das causas sociais, atuando como agente cultural e educacional, garantindo a efetivação de uma sociedade mais democrática, inclusiva e igualitária (DUDZIAK, 2007).

No que se refere à atuação na prestação de serviços em prol da gestão da informação, Paiva (1990, p. 48) discute que, o profissional da informação, diante das novas oportunidades surgidas adquire o *status* de um agente de informação. Segundo essa autora, no mercado moderno:

Surgem novas atividades, que fogem totalmente àquelas efetuadas tradicionalmente em bibliotecas e centros de documentação e informação. A maioria dessas atividades está de alguma forma relacionada à automação de serviços. Consultores, indexadores, especialistas da informação e agentes da informação são um exemplo de novas carreiras dentro da profissão do bibliotecário, para aqueles que exercem essas atividades.

Pereira (2014) acredita que o trabalho em bibliotecas é louvável, porém não é restrito para os bibliotecários que, mesmo com as funções apreendidas nas instituições de ensino voltadas ao tradicional, é fundamental que os bibliotecários sejam reconhecidos pelo seu próprio grupo e pela sociedade como profissionais aptos para atuar em qualquer tipo de ambiente onde a informação é o principal “produto”.

Não resta dúvida de que o bibliotecário ao desinstitucionalizar-se deixará de atuar apenas nas bibliotecas para exercer atividades em outras organizações, contribuindo na gestão da informação e do conhecimento organizacional, selecionando informação de qualidade a auxiliar nos processos decisórios. Segundo o estudo de Milano e Davok (2009, p. 254), esse profissional surge nesse segmento prestando serviços de consultoria informacional em sua área de formação e auxiliando na transformação da informação em conhecimento. Desse modo,

Como gestor da informação, ele sabe que a informação é a matéria prima do conhecimento, podendo assim atuar de forma direta ou indireta nas organizações. Nessa direção, é importante conhecer a atuação desse profissional na área de consultoria, para que os serviços prestados possam ser completados e aperfeiçoados.

Surge, nesse contexto, o trabalho na área da consultoria informacional, que para Silva (2005), quem opta por trabalhar em consultoria tem maior segurança nas instabilidades do que a pessoa que está empregada. Isso porque quem mantém vínculo empregatício durante muitos anos – e por isso acredita ser estável – tem menos possibilidades de concorrer no mercado, caso seja demitido, do que o profissional de consultoria, que está no mercado todos os dias.

Como consultor informacional, o profissional da Biblioteconomia extrapola seus fazeres, atuando na prestação de serviços de assessoria e consultoria, seja junto às unidades de informação, como junto a outras empresas ou junto a pessoas físicas. O profissional nesse ramo pode prestar assessoria técnica a publicações; subsidiar informação para tomada de decisões; assessorar no planejamento de espaço físico da unidade de informação; participar de comissões de normatização; realizar perícias; elaborar laudos técnicos; realizar visitas técnicas; assessorar a validação de cursos; participar de atividades de biblioterapia; preparar provas para concursos; e, participar de bancas de concursos (MILANO; DAVOK, 2009).

Em tempos de globalização e em meio ao crescimento das TICs, a desinstitucionalização permeia o contexto de todas as profissões, cabendo aos profissionais saber reconhecer e retirar proveito dessas novas circunstâncias. Desse modo,

Se o cenário econômico mostra que existe diminuição da oferta de emprego, por outro lado acontece o fenômeno da terceirização e a possibilidade de se trabalhar com a prestação de serviços. Se a tecnologia tem se mostrado favorável, deve ser dominada, evitando assim invasões de outras áreas e transformando concorrentes em parceiros. É uma época de mudanças e não de acomodação [...] (BAPTISTA, 2000, p. 91).

O bibliotecário desinstitucionalizado desmistifica o estereótipo atribuído aos bibliotecários tradicionais, de que eles representam apenas mero “guardadores de livros”. Também são refutadas as constantes especulações acerca da extinção desse profissional com o desaparecimento do livro e das bibliotecas físicas. Ao contrário do que afirmam essas especulações, o bibliotecário possui um futuro promissor, no decorrer dos próximos anos, em relação ao papel da informação e sua utilidade na sociedade.

Na sociedade da informação, a autoimagem do bibliotecário está mudando com o aumento de profissionais que lidam com a “informação” no mercado de trabalho. Os bibliotecários estão mostrando que não são só pessoas que lidam unicamente com a organização de bibliotecas, mas com informação e documentação — o que lhes proporciona um campo bem mais completo de atuação (PAIVA, 1990).

Fica evidenciado que, ao adentrar-se à desinstitucionalização, o bibliotecário, por tornar-se independente, certamente adquire características empreendedoras. Segundo Valentim (1998), o mercado de trabalho destinado a esses profissionais ainda representa uma minoria no contexto brasileiro, diferente do que já vem ocorrendo em outros países, principalmente em países desenvolvidos (BAPTISTA, 2000).

O profissional com perfil empreendedor deve ter uma visão pró-ativa, ter vontade de aprender e inovar, utilizando-se do aprendizado e do *Marketing*, no intento de conquistar novos mercados. Logo:

Neste mercado livre é necessário um profissional bibliotecário mais empreendedor, mais ousado. Para o terceiro milênio o profissional da informação deverá ser mais observador, empreendedor, atuante, flexível, dinâmico, ousado, integrador, proativo e principalmente mais voltado para o futuro. A formação, portanto, deve estar voltada para a obtenção de um profissional que atenda essas características (VALENTIM, 1998, p.112).

A formação continuada do profissional certamente constitui a “veia-mestra” para adequar-se a essas novas ambiências e conseguir atuar com êxito em um mercado competitivo e globalizado, típico da contemporaneidade. Conforme destacou Baptista (2000), o profissional precisa atualizar-se, investir na educação continuada, fortalecer as associações de classe e principalmente analisar as ameaças e transformá-las em oportunidades.

Nessa empreitada, evidencia-se uma participação colaborativa de vários elementos ligados ao universo da Biblioteconomia, de modo que esforços sejam envidados no sentido de que essa desinstitucionalização não seja uma utopia ou a realidade de uma minoria, mas que seja a esperança de novos rumos e progressões para toda a classe bibliotecária.

Assim, tanto profissionais, quanto movimento associativo, escolas de formação, conselhos regionais e federais e sindicatos devem viabilizem ações de divulgação dessas novas necessidades, transmitindo aos profissionais à sociedade essa nova contribuição que a Biblioteconomia tem a oferecer, contribuindo para solucionar inúmeros problemas advindos com os paradigmas contemporâneos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desse estudo é possível confirmar que o profissional bibliotecário, durante toda sua trajetória evolutiva, esteve fortemente atrelado à instituição biblioteca, caracterizando-se como um profissional institucionalizado, realizando atividades das mais variadas, tendo em vista o contexto dos diferentes períodos históricos e utilizando as tecnologias até então disponíveis em cada período.

Analisando a literatura sobre evolução das bibliotecas ao longo da história, foi possível constatar que essas instituições durante muito tempo estiveram voltadas para o armazenamento, preservação e conservação da informação registrada. Contudo, especificamente com o desenvolvimento da tecnologia impressa, novos rumos foram sendo conduzidos, tornando a biblioteca um organismo em mutação, adentrando-se ao perfil dos usuários e à democratização e socialização das informações, no intento de viabilizar a produção de conhecimento.

A revolução tecnológica esteve presente em todos os estágios de desenvolvimento das bibliotecas, porém, com o surgimento das tecnologias de informação e comunicação, típicas da sociedade contemporânea, esses novos artefatos garantem novas estruturas e funcionalidades às bibliotecas, potencializando-as a gerenciar e disseminar informação a todas as instâncias, tornando os processos de trabalho cada dia mais inovadores.

O surgimento da internet e a disponibilização dos produtos e serviços biblioteconômicos em ambiente virtual favoreceram o desdobramento de novos paradigmas no âmbito da indústria da informação, por conseguinte, desencadeou o surgimento de novas ambiências à Biblioteconomia. Assim, tanto as unidades de informação, quanto os profissionais que as gerenciam são afetados, de modo que a prática bibliotecária é redefinida, adquirindo os bibliotecários, novas competências, habilidades e atribuições, com vistas a torná-los adaptados em uma sociedade complexa.

Diante dessa atual conjuntura, o bibliotecário moderno deixa de ser um profissional que realiza unicamente processos técnicos e tradicionais na informação, para adquirir *status* de um Moderno Profissional da Informação, dotado de inúmeras competências que vão caracterizá-lo como um profissional diversificado, podendo exercer suas práticas em outros campos de atuação.

Diante dessas contingências, o estudo constata o surgimento de um profissional desinstitucionalizado, que além de exercer suas atividades tradicionais nas bibliotecas, poderá, outrossim, atuar como profissional independente, atuando como assessor, consultor, agente de informação, contribuindo tanto no gerenciamento e disponibilização de informações para pessoas físicas quanto jurídicas, como poderá exercer, também, de forma autônoma, ações educacionais e culturais, consolidando seu papel de agente de transformação social.

Através desse novo perfil profissional do bibliotecário na sociedade atual, presume-se que ele, ao adquirir uma postura inovadora, certamente irá adquirir uma visão empreendedora, investindo em sua formação continuada e na aquisição de novos e diferentes conhecimentos, fato esse que garantirá sua permanência no mercado por longos tempos, desencadeando seu reconhecimento pela sociedade e sua importância no desenvolvimento social. Com essa postura, desmistifica-se toda e qualquer especulação e previsão exagerada a respeito da extinção desse profissional em face dos desafios contemporâneos.

Também confirma-se, com base nessas reflexões, que o bibliotecário contemporâneo mudou seu perfil profissional, deixando de ser um guardião de livros para se um profissional desinstitucionalizado. Assim, com essas transformações faz-se necessário a reformulação da legislação que assegura o exercício profissional, de modo a contemplar essas novas potencialidades na qual o bibliotecário utilizará a fim de solucionar inúmeros problemas sociais e garantir sua ascensão no decorrer dos tempos futuros.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Lidia. Organização da informação nas bibliotecas digitais. In: NAVES, Madalena Martins Lopes; KURAMOTO, Hélio (Org.). *Organização da informação: princípios e tendências*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006.
- BAPTISTA, Sofia Galvão. Profissional da informação, autônomo ou empresário, novas perspectivas de mercado de trabalho. *Perspect. cienc. inf.*, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 91 - 98, jan./jun. 2000. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/550/467>>. Acesso em: 19 ago. 2014.
- _____. As oportunidades de trabalho existentes na internet na área de construção de unidade de informação. In: _____. MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004.
- BORGES, Maria Alice Guimarães. O profissional da informação: somatório de formações, competência e habilidades. In: BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado (Org.). *Profissional da informação: o espaço de trabalho*. Brasília: Thesaurus, 2004, p. 55-69.
- BRASIL. *Lei 4.084* de 30 de junho de 1962. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/1950-1969/L4084.htm>. Acesso em: 17 ago. 2014.
- _____. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação brasileira de ocupações*. 2002. Disponível em: <<http://www.mteco.gov.br/busca/descricao.asp?codigo=2612-05>>. Acesso em: 15 de ago. 2014.
- BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento: de Gutenberg a Diderot*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.
- CARVALHO, Isabel Cristina Louzada; KANISKI, Ana Lúcia. A sociedade do conhecimento e o acesso à informação: para que e para quem? *Ci. Inf.*, Brasília, v. 29, n. 3, p. 33-39, set./dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v29n3/a04v29n3.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2014.
- CASTRO, César Augusto. *História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica*. Brasília, DF: Thesaurus, 2000.
- COSTA, Antônio Roberto; MORAES, Jurnelei Dias. Desinstitucionalização da informação. *Informação e Sociedade*, João Pessoa, v. 2, n.1, p 9-24, 1992.
- CUNHA, Murilo Bastos da. A biblioteca universitária na encruzilhada. *DataGramaZero - Revista de Ciência da Informação*, v.11, n.6, dez/2010. Disponível em: <http://www.datagramazero.org.br/dez10/Art_07.htm>. Acesso em: 20 fev. 2013.
- DUDZIAK, Elisabeth Adriana. O bibliotecário como agente de transformação em uma sociedade complexa: integração entre ciência, tecnologia, desenvolvimento e inclusão social. *PontodeAcesso*, Salvador, v.1, n.1, p. 88-98, jun. 2007. Disponível em: <[file:///home/jsanna/Downloads/Ponto de Acesso-1\(1\)2007-](file:///home/jsanna/Downloads/Ponto de Acesso-1(1)2007-)

o bibliotecario como agente de transformacao em uma sociedade complexa-integracao entre ciencia, tecnologia, desenvolvimento e inclusao social.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio- século XXI: o dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FIGUEIREDO, Nice Menezes de. *Estudo de uso e usuários da informação*. Brasília: IBCT, 1994.

FIGUEIREDO, Marco Aurélio Castro de; SOUZA, Renato Rocha. ASPECTOS PROFISSIONAIS DO BIBLIOTECÁRIO. *Enc. Bibli.*, Florianópolis, n. 24, p. 10-31, 2º sem.2007. Disponível em: <<http://www.cursosavante.com.br/cursos/curso79/conteudo7785.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2014.

LANCASTER, F. W. Future librarianship: preparing for an unconventional career. *Wilson Library Bulletin*, v. 57, p. 747-53, May 1983.

_____. Ameaça ou Oportunidade?: o Futuro dos Serviços de Biblioteca à Luz das Inovações Tecnológicas. *Revista da Escola de Biblioteconomia UFMG*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, jan./jun., 1994. p.7.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. O futuro do pensamento na era da informática. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.

MADUREIRA, Helaina Oliveira; VILARINHO, Lucia Regina. A formação do bibliotecário para atuar em bibliotecas digitais: uma questão a aprofundar. Belo Horizonte, *Perspectivas em Ciência e Informação*, v.15, n.3, p.87-106, set./dez. 2010.

MARCHIORI, Patricia Zeni. "Ciberteca" ou biblioteca virtual: uma perspectiva de gerenciamento de recursos de informação. Brasília, *Ci. Inf.* [online], v. 26, n. 2, 1997. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v26n2/v26n2-1.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2014.

MARTINS, Wilson. *A palavra escrita: história do livro, da imprensa e da biblioteca*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2001.

MCGARRY, Kevin. *O Contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MILANESI, Luís. *Biblioteca*. Cotia: Ateliê Editorial, 2002.

MILANO, Manoelle Cristine Dalri; DAVOK, Delsi Fries. Consultor de informação: serviços prestados Por empresas de consultoria nas áreas de Biblioteconomia e gestão da informação. *Revista ACB*, Florianópolis, v.14, n.1, p.253-278, jan./jun., 2009. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/658/726>>. Acesso em: 27 mar. 2014.

MORIGI, Valdir José; PAVAN, Cleusa. Entre o “tradicional” e o “virtual”: o uso das tecnologias de informação e comunicação e as mudanças nas bibliotecas universitárias. Florianópolis, *Revista ACB*, v. 8, n. 2, 2003. Disponível em: <<http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/391/481>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

MORIGI, Valdir José; SOUTO, Luzane Ruscher. Entre o passado e o presente: as visões de biblioteca no mundo contemporâneo. *Rev. ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina*, v.10, n.2, p. 189-206, jan./dez., 2005. Disponível em: <[file:///C:/Users/aluno-ccje/Desktop/ARTIGO%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/aluno-ccje/Desktop/ARTIGO%20(1).pdf)>. Acesso em: 11 ago. 2014.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Formação profissional e educação continuada: que profissional devemos ser? In: SIMPÓSIO BRASIL - SUL DE INFORMAÇÃO, 1996, Londrina. *Anais...* Londrina: UEL, 1996. p.253-271.

_____. A ciência, o sistema de comunicação científica e a literatura científica. In: CAMPELLO, Bernadete Santos; CENDÓN, Beatriz Valadares; KREMER, Jeannette Marguerite. **Fontes de informação para pesquisadores e profissionais**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000, p. 21-34.

ORTEGA, Cristina Dotta. Relações históricas entre Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação. Rio de Janeiro, *DataGramaZero*, v.5, n. 5, out./2004. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/out04/Art_03.htm>. Acesso em: 20 ago. 2014.

PAIVA, Denise. Perspectivas do agente de informação no contexto brasileiro. *Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 48-52, 1990.

PEREIRA, Vanessa Ferreira Rodrigues. *O bibliotecário no comércio eletrônico: o surgimento de Um novo campo de atuação*. 2014. 72 f. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Biblioteconomia) - Escola de Biblioteconomia, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2014.

PONJUÁN DANTE, Glória. Perfil del profesional de información del nuevo milenio. In: VALENTIM, Marta Lúcia (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação* profissional. São Paulo: Polis, 2000. p. 91-105.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. *As cinco leis da biblioteconomia*. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 2009.

REZENDE, Ana Paula de. Centro de informações jurídica eletrônico e virtual. Brasília, *Ciência da Informação*, v. 29, n. 1, p. 51-60, jan./abr. 2000. Disponível em: <http://www.ibict.br/cionline/artigos/>. Acesso em: 16 ago. 2014.

RIBEIRO, Gerlaine Marinotte; CHAGAS, Ricardo de Lima; PINTO, Sabine Lino Pinto. O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/1413/1236>>. Acesso em: 11 ago. 2014.

SANTA ANNA, Jorge. (Re)pensando o fazer bibliotecário: da guarda informacional ao acesso. In: SEMINÁRIO DE INFORMAÇÃO EM ARTE. Rio de Janeiro: REDART, 2013a. 1 CD ROM.

_____. A (r)evolução digital e os dilemas para a catalogação: os cibertecários em atuação. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE CATALOGADORES, 9; ENCONTRO NACIONAL DE CATALOGADORES, 2, *Anais Eletrônicos*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2013b. Disponível em: <[file:///C:/Users/aluno-cce/Downloads/21-185-1-PB%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/aluno-cce/Downloads/21-185-1-PB%20(2).pdf)>. Acesso em: 15 abr. 2014.

SANTA ANNA, Jorge; GREGÓRIO, Elaine; GERLIN, Meri Nadia. Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do hospital universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). *Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis*, v.19, n.1, p. 77-88, jan./jun., 2014. Disponível em: <http://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/953/pdf_89>. Acesso em: 10 ago. 2014.

SANTA ANNA, Jorge; PEREIRA, Gleice; CAMPOS, Suelen. Sociedade da informação x biblioteconomia: em busca do moderno profissional da informação (MIP). *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*.

São Paulo, v. 10, n. 1, p. 68-85, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/293/293>>. Acesso em: 19 ago. 2014.

SILVA, Edna Lúcia; LOPES, Marili Isensee. A internet, a mediação e a desintermediação da informação. *DataGramZero*. Rio de Janeiro, v.12, n. 2, abr./2011. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr11/Art_04.htm>. Acesso em: 15 ago. 2014.

SILVA, Fabiano Couto Corrêa da. *Bibliotecários especialistas: guia de especialidades e recursos informacionais*. Brasília, DF: Thesaurus, 2005.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. O bibliotecário como agente histórico: do “humanista” ao “Moderno Profissional da Informação. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.18, n.3, p. 83-94, set./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/1873/2275>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

VALENTIM, M. L. P. Profissional bibliotecário e as perspectivas sócio-econômicas neste final de século. In: ENCUESTRO DE DIRECTORES, 3 y ENCUESTRO DE DOCENTES DE LAS ESCUELAS DE BIBLIOTECOLOGÍA DEL MERCOSUR, 2, Chile, out. 1998. *Anais eletrônicos ...* Santiago, 1998. p. 109-114. Disponível em: <<http://utem.cl/deptogestinfo/21.doc>>. Acesso em: 15 ago. 2014.

_____. Atuação e perspectivas profissionais para o profissional da informação. In: _____ (Org.). *Profissionais da informação: formação, perfil e atuação profissional*. São Paulo: Polis, 2000, p.135-152.

_____. Formação: competências e habilidades do profissional da informação. In: _____ (Org.). *Formação do profissional da informação*. São Paulo: Polis, 2002, p. 117-132.

THE LIBRARIAN IN FACE OF SOCIAL TRANSFORMATION: THE GUARDIAN BECOMES AN UNINSTITUTIONALIZED PROFESSIONAL

ABSTRACT: This article proposes reflections on the evolution of skills, abilities and responsibilities of the librarian over time, especially with regard to reflections of contemporary society. In order to achieve this proposal, the study contextualizes the evolutionary trajectory of libraries; presents the changes arising with the use of ICTs; reflect new competencies and skills of the librarian in actuality; and finally presents the different fields of library activity, emphasizing stemming from service delivery practices. Through a literature review of books and articles that address this issue, as well as legislation that regulates the professional practice, it was concluded that the contemporary librarian ceases to be a professional who performs solely on traditional technical and information processes, to acquire status of a modern Information Professional, endowed with numerous skills that will characterize it as a diverse and desinstitucionalizado professional. With this stance, demystifies up any speculation and exaggerated prediction about the extinction of a trader in the face of contemporary challenges.

KEYWORDS: Libraries. Practice librarian. Modern professional information. Information Agent. Deinstitutionalization of information.

Recebido em: 20-08-2014

Aceito em: 10-09-2014